

# A CAPITAL

Director: FRANCISCO DE SOUSA TAVARES  
 Director-adjunto: RODOLFO IRIARTE

**LISNAVE**  
**CONFLITO**  
**PERMANENTE**  
**OPINIÕES**  
**LIVRES (PÁG. 5)**

**“Fenómenos estranhos” assustam população de Covelo do Gerez**

**F**ENÓMENOS estranhos que a população pretende inexplicáveis, ocorridos na freguesia de Covelo do Gerez, concelho de Montalegre, têm provocado as mais diversas reacções na região, desde a incredulidade pela explicação racional, até à mudança de diversas famílias da pequena aldeia para povoados das cercanias.

Covelo do Gerez, povoação com três ou quatro núcleos de casas, erguendo-se na vertente sul do rio Cávado, frente à Serra do Gerez, começou por ser afectada por «fenómenos insólitos», no dizer de habitantes locais, no Inverno rigoroso de 1966, data em que as fortes chuvas caídas em toda a região Norte de Portugal poderiam ter provocado, segundo o parecer dos técnicos que ali se deslocaram, a derrocada de terras que veio a soterrar meia dúzia de casas.

Todavia, muitos populares não eram da mesma opinião. Pretendiam ter visto «coisas», luzes muito brilhantes, grandes vultos transiúcidos movendo-se.

O terror instalou-se na região ao ponto de as autoridades terem mandado abrir um inquérito sobre as possíveis causas da derrocada. E, naquele tempo, depois de a Câmara de Montalegre ter pretendido que o desprendimento de terras fora provocado pelo túnel que liga as barragens de Paradela e Venda Nova (rio Cávado), os engenheiros encarregados do inquérito, não chegando a qualquer conclusão, foram de opinião que o túnel nada tinha a ver com a questão.

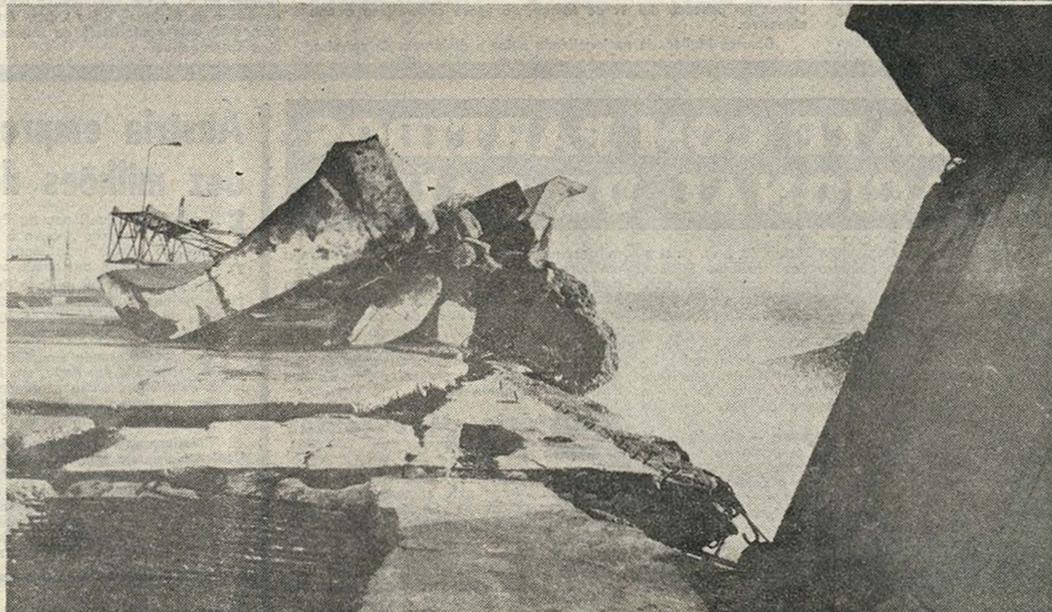
**Superstições**

Nos últimos dias, entretanto, os desmoronamentos repetiram-se. Não com a intensidade de 66, em que abriram uma fenda de quase 30 metros e abrangeram uma extensão de mais de 200 metros. Todavia, com ruídos, com semelhantes vultos, com «coisas» estranhas que o povo vê ou pretende vislumbrar quando lhe escapa ao raciocínio a explicação por causa simples, real, científica.

Para o padre Amadeu, pároco da aldeia desde há muitos anos, testemunha da pequena catástrofe de 1966 e conhecedor daquele povo e das suas superstições, não houve, desta feita, sequer motivo para alarme. Tudo não passou de uma fenda aberta por uma mina de água que encheu para além dos limites de resistência das paredes graníticas que a continham. Os estragos são de pouca monta e não há motivos para qualquer alarme.

(Continua na página 10)

## INQUÉRITO AO DESASTRE DE SINES



Quem pode segurar o mar? Ou: quem não soube segurar o mar?

# APRESENTE-SE O RÉU SEJA O HOMEM OU O MAR

**SOUTO CRUZ PROÍBE ROSA COUTINHO DE ENTRAR EM «CERTAS UNIDADES»**

(PÁGINA 20)

**AGENTE DA JUDICIÁRIA MORTO A TIRO NO PORTO**

(PÁGINA 6)

**MESMO SEM ESCOLA**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTINUA**  
**ANO LECTIVO**

**M**ESMO com a sua escola destruída pelo fogo, professores, alunos e funcionários da Faculdade de Ciências de Lisboa decidiram continuar o seu ano lectivo, tendo para o efeito exigido ao M. E. C. instalações provisórias. Entretanto, mantém-se a incógnita acerca das causas do incêndio: tal como nos declarava, ontem, o comandante Teixeira Coelho, do Batalhão de Sapadores Bombeiros, «é impossível saber se a causa foi accidental ou intencional». Por outro lado, o B. S. B. está ainda a proceder à recolha de elementos destinados à elaboração do relatório final, que será divulgado num dos próximos dias.

Os docentes, alunos e funcionários da Faculdade de Ciências de Lisboa reuniram-se, ontem, à tarde, em plenário, tendo decidido não interromper o seu trabalho, assegurando, porquanto, o prosseguimento das actividades do presente ano lectivo. Deliberaram ainda exigir do Ministério da Educação e Cultura que lhes proporcione instalações provisórias, de forma a não destruir a unidade funcional da escola, garantindo o serviço e vencimentos dos docentes e trabalhadores da Faculdade.

Com o recinto da aula magna da Reitoria da Universidade literalmente cheio, os trabalhos decorreram a ritmo acelerado e com eficiência, apesar de se ter registado a falta de instalação sonora. Depois de um curto período em que foram prestadas in-

(Continua na página 9)

# FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTINUA ANO LECTIVO

(Continuação da página 1)

formações sucintas acerca do sinistro que destruiu tão importante valor do património nacional, a mesa da assembleia anunciou que tinham sido apresentados treze propostas. Todas elas convergiam em três pontos fundamentais: condenação do presumível acto criminoso de fogo posto, responsabilização das entidades responsáveis pela segurança do edifício (Ministério da Educação e Cultura e Direcção-Geral das Construções Escolares) e, finalmente, a garantia da continuidade do ano lectivo.

Viria a ser aprovada uma moção e várias propostas subscritas pelo presidente da mesa da assembleia de representantes, conselho directivo, presidente do conselho científico, comissão de trabalhadores e direcção da Associação dos Estudantes.

No documento, aprovado praticamente por unanimidade, «lamenta-se emocionalmente os imensos prejuízos culturais e materiais que o sinistro acarretou, não só para a própria escola como para todo o País, e que se traduzem por seriíssimos danos no edifício, pela destruição de inúmeros instrumentos de trabalho pedagógico e científico e pelo desaparecimento de colecções museológicas de valor incalculável».

Sublinha-se, depois, que «as tão deficientes condições de segurança do edifício da escola herdadas do fascismo foram repetidamente assinaladas pelos órgãos de gestão da Faculdade aos serviços responsáveis dos Ministérios da Educação e Cultura e das Obras Públicas, os quais, não tendo tomado a tempo as medidas que se impunham, não se podem furtar a uma quota de responsabilidade quanto à extensão do sinistro».

## Novas instalações

Ao aprovarem o documento, os presentes exigiram no começo imediato da construção acelerada das instalações requeridas para o bom funcionamento pedagógico e científico da escola na sua totalidade, instalações de que a necessidade é de há muito por todos reconhecida e cuja construção foi repetidas vezes garantida mas que, até hoje, com argumen-

tos ou pretextos diversos, ainda não foi iniciada.

A Faculdade exprimiu por voto o seu agradecimento aos numerosos testemunhos de solidariedade, tendo apelado para o apoio da opinião pública e das comunidades científicas e culturais de âmbito nacional e internacional no esforço que está a empreender para assegurar a sua continuidade numa perspectiva inovadora, aguardando do Governo não só um apoio material, eficaz e imediato, mas também a necessária atitude de receptividade quanto aos seus propósitos de reformulação dos planos de estudos e diversificação das licenciaturas.

Foi deliberado também nomear três comissões de trabalho: a primeira para tratar de tudo quanto respeite às instalações provisórias, outra para incrementar as tarefas relativas à construção das novas instalações e a terceira para coordenar o prosseguimento dos trabalhos conducentes à redefinição e renovação da escola.

## Avaliação de conhecimentos

Relativamente à avaliação de conhecimentos, o plenário deliberou que todas as provas que estavam marcadas para o período entre a data do incêndio e a Páscoa se realizem no anexo, até ao dia 8 de Abril. No caso das cadeiras cuja parte prática não pode ser sujeita a avaliação em resultado do incêndio, essa parte não será incluída na avaliação de conhecimentos, não havendo prejuízo para os alunos.

A fim de serem tomadas novas medidas foi convocada outra assembleia geral da escola para o próximo dia 4 de Abril, às 14 e 30, no mesmo local.

## M. E. C. responde ao P. C. P.

O Ministério da Educação e Cultura emitiu ontem uma nota oficiosa respondendo, com o próprio comunicado do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências de Lisboa, a uma nota divulgada pelos Serviços de Imprensa do Partido Comunista Português:

«Em nota divulgada à imprensa pela S. I. P. do P. C. P., acerca do incêndio que devastou as instalações da Faculdade de Ciências de Lisboa, afirma-se que "as



O recinto da Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa ficou completamente cheio de alunos, docentes e professores

proporções que o incêndio assumiu se devem em grande parte ao estado deplorável das instalações da Faculdade de Ciências de Lisboa, o que fora em tempos denunciado por alunos, professores e outros trabalhadores daquela escola e mesmo por corporações de bombeiros perante a indiferença do Ministério da Educação e Cultura". E, mais adiante, aquele partido considera que "devem ser prestadas contas à opinião pública do destino que levaram as advertências quanto à insegurança das instalações da faculdade".

«No intuito de esclarecer tal questão e face à existência de diversas versões da mesma, transcreve-se o comunicado do Conselho Directivo da Faculdade de Ciências de Lisboa a propósito dos acontecimentos, por ele se verifica que os serviços dependentes do Ministério da Educação e Cultura, entre os quais se não conta, como é do conhecimento geral e decorre da própria natureza da respectiva esfera de competência, a Direcção-Geral das Construções Escolares, cumpriram integralmente a sua obrigação.»

## Comunicado

«Na madrugada do dia 18 de Março deflagrou um incêndio de grandes proporções no edifício da Faculdade de Ciências de Lisboa. O incêndio iniciou-se nos pavilhões pré-fabricados do pátio in-

terior do edifício. Às 22 e 30 horas um dos guardas da noite fechou as salas dos pavilhões e desligou o quadro da electricidade destas salas, o que afasta a hipótese de curto circuito.

Entre as 00.30 e as 00.40 horas o guarda da noite que faz a segurança do edifício a partir das 24 horas detectou um incêndio nos referidos pavilhões e deu o alarme para o exterior. Apesar da pronta chegada dos bombeiros não foi possível evitar o alastramento das chamas à maioria do edifício, conseguindo-se porém salvar o laboratório de química condição essencial para não pôr em perigo toda a área circundante da faculdade em virtude dos materiais explosivos e inflamáveis nele contidos.

Há contudo a lamentar perdas irreparáveis do património cultural nacional nos museus Bocage e Mineralógico que continham espécimes únicos no mundo.

O conselho directivo, consciente dos graves perigos que a faculdade atravessava já há muitos anos, alertou repetidas vezes as autoridades competentes baseando numa detalhada vistoria efectuada pelos bombeiros de Lisboa, em 1975.

O relatório que então se elaborou considerava o edifício da faculdade um dos mais explosivos de Lisboa e apontava para a necessidade urgente das seguintes obras: extintores em locais devidamente demarcados, sistema de detecção de incêndios, instalação

de bocas de incêndio que eram então inexistentes, alargamento dos portões de acesso os quais não comportavam a entrada dos veículos-tanque mais potentes dos bombeiros.

Das necessidades acima mencionadas apenas foi possível obter, em Novembro de 1976, da Direcção-Geral do Ensino Superior a verba necessária para aquisição dos extintores; as restantes obras a cargo da Direcção-Geral das Construções Escolares foram sucessivamente proteladas, tendo, finalmente, começado em Agosto de 1977 a colocação de bocas de incêndio. Tais obras arrastaram-se inexplicavelmente até à presente data, tendo o Conselho Directivo solicitado em tempo inquérito à maneira como elas estavam a decorrer. O facto das obras não estarem ainda concluídas motivou:

— Que não tivesse sido possível atacar o incêndio pela ala leste onde estava a deflagrar com mais intensidade, pois que nesta se encontravam valas, amontoados de terra e máquinas;

— Que as bocas de incêndio, colocadas há menos de quinze dias, não se encontravam ainda ligadas às novas canalizações, o que motivou frequente falta de água com pressão no combate ao incêndio;

— O não alargamento dos portões impediu, como se previa, que os carros de maior potência, entrassem nas alas oeste e leste do edifício.

No decorrer das presentes obras foi mais uma vez chamada a atenção para o facto de que, no caso de incêndio, seria completamente impossível combatê-lo devido à existência das referidas valas e amontoados de terra em todas as alamedas circundantes do edifício. Note-se que se o incêndio se tivesse verificado há cerca de um mês, nenhum carro de bombeiros podia ter penetrado no recinto da Faculdade.

O Conselho Directivo deseja manifestar a sua intenção de tomar todas as providências no sentido de que o início do próximo semestre não seja afectado. Reuniões preliminares com a D.G.E.S. estão em curso para se encontrar a solução mais rápida e viável que embora provisória deverá permitir a continuidade da instituição. Ao mesmo tempo, pretende-se colocar em funcionamento toda a parte não destruída.

O C.D. espera justificadamente que o M.E.C. e o M.O.P. acelerem a construção do novo edifício da F.C.L., repetidamente reconhecido necessário e prometido. É, sem dúvida, a única solução viável a longo prazo.

Em caso de se confirmar que a deflagração do incêndio se deu a fogo posto e em particular à acção de um comando de extrema-direita, o C.D. não quer deixar de lamentar e denunciar a acção criminosa daqueles que recorrem à destruição do património nacional de incalculável valor cultural e científico.»

**viaje para Itália**

**de Lisboa para Milão e Roma**

**nos DC 9 da Alitalia**

**a partir de Abril**

em colaboração com a TAP

**Ligações para toda a Europa América, África Médio e Extremo-Oriente**

PUBLICIDADE

**COM INÍCIO A 22 DE MARÇO**

**ALTERAÇÃO PROVISÓRIA DE TRÂNSITO NA AMADORA**

O Município de Oeiras está a mandar proceder a um estudo completo de alteração de trânsito no eixo rodoviário principal da vila da Amadora.

No imediato, é determinada uma alteração parcial, englobada no estudo referido, e cuja efectivação é desde já possível e necessária.

Trata-se do quarteirão definido pelas Ruas Elias Garcia / Angelo Fortes / Av. Eduardo Jorge, local onde o congestionamento de tráfego é dos mais significativos.

Assim, a partir de 22 de Março, por deliberação camarária, será iniciada experimentalmente a seguinte alteração:

**Trânsito de LISBOA com destino à AMADORA**

Cerca de 500 m após o Pão de Açúcar, viragem obrigatória para a Rua Eng.º Angelo Fortes, seguindo pela Av. Eduardo Jorge, até reentrar na Rua Elias Garcia.

**Trânsito da AMADORA para LISBOA**

Percurso sem qualquer alteração. O troço da R. Elias Garcia focado na gróvora passa a ter sentido único.

**Outras direcções de trânsito. Paragens de autocarros**

Nesta fase inicial mantêm-se as direcções de trânsito indicadas na gravura, recorrendo à sinalização vertical.

Após o estudo dos resultados, diligenciar-se-á no sentido de ali instalar sinalização luminosa. No imediato esta experiência será efectuada com o apoio da P. S. P.

Chama-se ainda a atenção para a nova colocação das paragens de autocarros.

CAMARA MUNICIPAL DE OEIRAS